

Proteja-se, prolongue a qualidade da sua audição

A profissão de Audiologista em Portugal tem um histórico recente, tendo a Associação Portuguesa de Audiologistas (APtA) sido criada em 1993. Inicialmente, como muitas outras profissões ligadas à Saúde, não existia formação académica sendo as atividades executadas por profissionais treinados para o efeito.



O tempo e a evolução da Ciência e da Tecnologia atribuíram a real importância à Audiologia, sendo criados Cursos Superiores de Audiologia que permitiram um maior desenvolvimento técnico-científico e a melhoria das práticas profissionais. A formação específica em Audiologia, ministrada por docentes com formação específica de base, é hoje desenvolvida em duas Instituições de Ensino a nível nacional: a ESTeSC — Coimbra Health School, do Instituto Politécnico de Coimbra, e a Escola Superior de Saúde, do Instituto Politécnico do Porto.

O crescente desenvolvimento técnico-científico em torno da Audiologia implica também uma maior exigência ao nível académico, realidade que Jorge Humberto Martins, presidente da Associação Portuguesa de Audiologistas, considera ser o rumo certo, dado o grau de excelência já atribuído à es-

pecialidade em Portugal: “A possibilidade recente de os nossos formandos terem acesso a programas de mobilidade como o Erasmus, permite a partilha de conhecimentos com outras Escolas internacionais. Isto acontece devido à credibilidade do ensino ministrado pelas Escolas portuguesas. Só continuando a apostar na qualidade, podemos ter profissionais de excelência”, afirma.

O trabalho efetivado com várias Associações internacionais permite à Associação portuguesa perceber que temos profissionais que estão ao nível do melhor que existe em termos mundiais. “Conseguimos ter do ponto de vista tecnológico e da qualidade profissional, bastante aceitação internacional e isso é possível pelo reconhecimento da formação dos Audiologistas portugueses”. A APtA integra a European Federation of Audiology Socie-

ties (EFAS) há longa data. Esta Associação europeia manifesta um esforço para a melhoria da formação ministrada na Europa que atualmente é muito díspar. Dentro de portas é de realçar a relação profícua com a Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial e com a Associação Portuguesa de Otoneurologia.

Prevenção

Questionámos Jorge Humberto Martins sobre as repercussões da crescente utilização de auriculares no quotidiano da sociedade contemporânea. O especialista reforça que o problema não está no equipamento, mas sim no volume que lhe é imposto: “A legislação diz que não podemos ter sistemas sem Controlo Automático de Ganho, mas em algumas situações isso não acontece”. Por exemplo, se analisarmos a questão em termos de saúde auditiva em meio industrial, uma pessoa pode estar exposta a 80 decibéis de intensidade sonora por um período aproximado de oito horas, se essa intensidade aumentar 5 decibéis o período de exposição deverá reduzir para quatro horas. Perante 100 decibéis o período de exposição deveria ser no limite de 30 minutos, mas sabemos que tal não ocorre. Por exemplo, a maioria de nós não frequenta discotecas com essa preocupação em mente.

No caso particular dos auscultadores verifica-se que a intensidade e o tempo de utilização são elevados... Para lá da parte exterior do ouvido, temos músculos que nos protegem, atenuando o impacto do som que passa para a cóclea. Porém, como qualquer outro músculo este tem um “tempo de vida”. A partir do momento em que entra em fadiga, o som passa sem filtro provocando um traumatismo acústico. No interior da cóclea existem também frações musculares (células ciliadas externas) que podem

entrar em fadiga com a passagem do tempo. Assim, Jorge Humberto Martins explica que o zumbido que um jovem ouve na visita esporádica a um local com elevada intensidade sonora (discoteca), tende a passar um a dois dias depois, mas aquando da permanência regular prolonga-se, provocando uma perda de audição temporária. Se este acontecimento for constante gera surdez, algo que vemos refletido em muitos músicos. “Por isso, hoje em dia todos os músicos usam auriculares de retorno, o que lhes permite não estarem expostos ao som do palco, mas ao som do retorno que é bastante mais baixo”.

Apesar das campanhas de sensibilização e dos casos mediáticos, é crescente o volume de casos de surdez na população mais jovem. O nosso interlocutor alerta: “Mesmo no meio industrial quando muitas empresas disponibilizam auscultadores de proteção aos seus funcionários, eles não os usam por vontade própria”.

Neste sentido, ao longo dos anos a APtA tem desenvolvido uma série de ações de sensibilização junto da população, como o Dia Mundial do Audiologista que decorreu ontem, dia 10 de outubro; ou em parceria com as Escolas Superiores de Coimbra e do Porto.

Papel do audiologista

O Audiologista pode direcionar a sua atuação em três grandes áreas: a vertente do diagnóstico, onde aborda a prevenção, rastreio e diagnóstico de problemas auditivos ou vestibulares (equilíbrio); a reabilitação, auditiva ou vestibular, colaborando na inclusão social e a carreira académica, “que é fundamental para a credibilidade e melhoria da profissão”, sendo que atualmente é possível aliar a vertente de formação à prática o que se reflete numa qualidade de ensino de extrema eficácia.



Dentro da vertente da reabilitação auditiva, a tecnologia apresenta respostas dentro de duas grandes áreas: as próteses auditivas eletroacústicas e os implantes auditivos. Estes últimos necessitam de uma intervenção cirúrgica, sendo normalmente utilizados quando as próteses auditivas eletroacústicas não têm capacidade para compensar a perda de audição existente. O problema vestibular confere ao seu portador uma impossibilidade diária de gerir as suas ações, manifestando-se por uma falta de equilíbrio. Do ponto de vista emocional acarreta uma grande debilidade, provocando períodos de ausência profissional.

Principais causas e patologias

Há diversas etiologias na origem da perda de audição: desde casos congénitos, hereditários, acidentes que surgem ao longo da vida, o envelhecimento, entre outros.

Na problemática com origem congénita, as crianças nascem com surdez pode, ou não, ser de origem hereditária. Por outro lado, existem casos de indivíduos que vão perdendo a audição por causas não genéticas, mas que se revelam ao longo da vida. E, por fim, a perda de audição é, na maioria dos casos, um reflexo inerente ao evoluir da idade.

O nosso entrevistado reporta-nos para o facto de uma percentagem de casos de surdez súbita, apesar de reduzida, tem gerado grande preocupação junto dos profissionais.

“ A audiolgia é a ciência que estuda a audição e o equilíbrio.

Tecnologia

Perante um caso de surdez a tecnologia de eleição utilizada no tratamento são as próteses auditivas eletroacústicas. No entanto as próteses implantáveis têm vindo a ter cada vez maior utilização em Portugal. De realçar que Portugal foi, em 1985, o terceiro país europeu a iniciar a colocação de implantes cocleares adequados para casos de surdez severa a profunda.

Esta foi uma área que evolui tremendamente quer em termos cirúrgicos quer do ponto de vista tecnológico. No que concerne à atividade cirúrgica, esta passou a ser cada vez menos invasiva, com redução do tempo de cirurgia e menos traumáticas para o paciente.

Os primeiros implantes eram altamente rudimentares no que respeita ao processamento de sinal. À medida que a tecnologia e a técnica evoluíram, tal refletiu-se na qualidade e na dimensão dos componentes das próteses implantáveis. De tal forma que hoje quando o Audiologista programa um implante coclear tem como dado adquirido que a pessoa vai perceber os sons (algo que em tempos era in-

certo), preocupando-se com fatores mais específicos que conferem uma efetiva qualidade e conforto sonoro e que se refletem na melhoria da qualidade de vida dos pacientes. “A não ser que existam outras patologias associadas, uma significativa percentagem dos pacientes manifesta-se altamente satisfeita com a colocação destes equipamentos. Falamos de pessoas que não conseguiam ter uma vida social/profissional e passam, por exemplo, a conseguir falar ao telemóvel. Se antigamente os equipamentos estavam ligados por cabo, as mais recentes tecnologias apresentam-se com sistemas wireless.”, informa o presidente da APtA.

Rastreio

O nosso interlocutor aconselha que, do ponto de vista do adulto, qualquer indivíduo saudável faça um rastreio a partir dos 50 anos, sendo que aquele que está exposto a um ruído ambiente elevado do ponto de vista profissional, deve fazer um exame auditivo com alguma periodicidade. “Aliás, deveria ser feita uma medição do ambiente acústico quer do ponto de vista da frequência quer da intensidade do local de trabalho do indivíduo. Mesmo os protetores não deveriam ser generalistas, como os auscultadores que são abafadores, mas sim ter filtros que atenuem em termos de intensidade e frequência específica, de acordo com as características do ruído produzido pela máquina em cada posto de trabalho. Isso interfere com a comunicação das pessoas sendo um dos fatores que leva os operários a não utilizarem estas proteções”, reforça.

No que concerne à criança, atualmente o Rastreio Auditivo Neonatal

é efetuado a mais de 90% das crianças que nascem em Portugal, apesar de não ser obrigatória a sua realização. Jorge Humberto Martins lança ainda o repto para a necessidade de todas as crianças fazerem um rastreio audiológico antes de entrarem na escola: “Muitas crianças não têm rendimento escolar porque têm patologia auditiva que não está detetada. Há crianças que ouvem bem, mas não percebem o que ouvem e se estiverem em ambiente acústico desfavorável essa incapacidade tende a agravar”. Muitos destes casos chegam à presença do Audiologista depois de passarem por outros especialistas dado apresentarem sinais semelhantes a hiperatividade, atraso de desenvolvimento da linguagem, entre outros. Foi neste âmbito que o nosso interlocutor esteve envolvido num projeto internacional de avaliação pré-escolar que englobava a Terapia da Fala, a Oftalmologia e a Audiologia. “Esta prática deveria ser generalizada em todo o Mundo à semelhança do que acontece por exemplo na Alemanha”, defende.

Enquanto presidente da Associação Portuguesa de Audiologistas, Jorge Humberto Martins lamenta que a legislação aplicada a esta área da Saúde seja tão pouco específica, possibilitando a ocorrência de situações menos éticas. “Frequentemente, somos confrontados com anúncios publicitários que incitam à compra de próteses auditivas. Alertamos, no entanto, que a utilização destes equipamentos, para além de necessitar de uma avaliação por um Audiologista que é o único profissional de saúde legalmente reconhecido e habilitado, pressupõe um programa de reabilitação.”



**CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE AUDIOLOGIA**
OUTUBRO 2017

Rua Rodrigues
Sampaio n°30 C, 5°esq.
1150-280 Lisboa